



UMA ESCOLA: SUAS MEMÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES

TÂNIA BERNADETE SERAFIM BURIGO¹

PAULO RÔMULO DE OLIVEIRA FROTA²

Resumo

O presente estudo investigou o surgimento, desenvolvimento e consolidação do Grupo Escolar Pe. Schuller, cuja pedra fundamental foi lançada no dia 14 de março de 1932, com a presença de autoridades e do povo em geral na hoje Cocal do Sul, antigo Núcleo Accioly de Vasconcelos. Utilizamos a entrevista como principal fonte de coleta de dados, ouvindo antigos moradores, professores e alunos da escola, nos últimos sessenta anos. Os depoimentos, formas de trazer o passado para os dias atuais, foram muito vivos e cheios de detalhes. Os dados materiais, fotos, livros, móveis ainda marcam a vida daqueles que tomam conhecimento dessa história. Suas contribuições educativas, a religiosidade, o apelo moral, a disciplina rígida, dentre outras perduram na memória da cidade.

Palavras chave: Currículo, Memória, História da Educação

A SCHOOL – YOUR MEMORIES AND CONTRIBUTIONS

Abstract

This study investigated the emergence, development and consolidation of the School Father Schuller, whose foundation stone was launched on March 14, 1932, with the presence of the authorities and people in general in today Cocal do Sul, former Core Accioly Vasconcelos. The interview as the main source for data collection, listening to old residents, teachers and students from school for the past sixty years. The statements, ways to bring the past to the present day, many were alive and full of details. The data materials, photos, books, furniture still mark the lives of those who noted that historic contributions. Education, religious and the rigid discipline, among others persist in memory of the city.

Key words: Curriculum, Memory, History of Education

¹ Licenciada em Ciências, Habilitação em Matemática (UNESC); Mestre em Educação (UNESC).

² Licenciado em Física (UFPI); Mestre em Educação (UFPI); Doutor em Educação (UFSC); Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC.

Introdução

A necessidade de buscar uma maior compreensão sobre a história, as memórias e as contribuições sócio-educacionais do Grupo Escolar Professor Padre Schüller sobre os espaços escolares, a disciplina e a prática pedagógica desta instituição, sobre a comunidade de Cocal do Sul, foi o que motivou, dirigiu e instigou, desde o princípio, esta investigação. A pesquisa em questão objetivou localizar o Grupo Escolar Padre Schüller, no município catarinense de Cocal do Sul, reconstituindo e organizando a história do Colégio, e em consequência, a história de vida das pessoas que estudaram e lá trabalharam por décadas a fio visando sua contribuição sócio-educacional reconhecidas, hoje, por toda aquela comunidade.

A investigação privilegiou o uso de fontes orais e iconográficas, recorrendo à memória de cidadãos sul-cocalenses que exerceram a docência e discência ao longo das três primeiras décadas da fundação e consolidação do colégio, salientando que a memória histórica das pessoas que estudaram no Colégio remete às lembranças que, quando provocadas pela observação de fotografias ou de documentos históricos, nos oportunizaram a impressão de que o passado está presente e eternizado como afirma Peixoto apud Santos (2001):

[...] presenciar os fatos, ver as imagens, ouvir as falas, sentir os sons e os cheiros que fazem vivos no pensamento daquele que revisita o passado, fazendo-o presente. Através das imagens trazidas ao hoje, olhamos objetos, lugares e as cenas dos acontecimentos com a forte sensação/emoção de que já os conhecemos, os visitamos, dele fazemos parte e revivemos esse momento através da experiência de seus verdadeiros protagonistas. Essas memórias nos remetem a um passado coletivo. (p. 61).

Muitas entrevistas foram feitas com moradores antigos, ex-alunos e ex-professores que recorrendo à memória, falaram daqueles dias grandiosos em que seus parentes viveram em Cocal do Sul – uma verdadeira epopéia pelo desbravamento e fixação de uma colônia naquelas terras.

Por volta de 1885 se estabelece ao sul de Santa Catarina, o Núcleo colonial Accioly de Vasconcelos, composto por 150 famílias e 422 habitantes. Com o passar do tempo, a população mudou o nome para Rio Cocal, devido ao rio que cortava a colônia e a abundância

de coqueiros ali existentes. Inicialmente foi colonizada por italianos e poloneses e mais tarde, segundo De Fáveri (2006, p.74), por alemães e brasileiros. A Colonia prosperou centrada na agricultura de subsistência, plantando e trocando o excedente de mandioca, trigo, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, fumo, uva, cevada, café e verduras.

No início da colonização, a educação em Cocal foi precária e só funcionou graças à vontade, empenho e dedicação de algumas pessoas. Os primeiros professores da língua italiana foram David Raspini, Eugênio Rosso, Vendramino Rosso Zandonadi e José Peruchi.

Estes cidadãos eram pessoas da comunidade que, além de seus afazeres, como relatam moradores antigos, se preocupavam com a alfabetização das crianças filhas dos imigrantes italianos, passaram a ensiná-las e foram reconhecidos como os primeiros professores da localidade.

A implantação de escolas isoladas, que funcionavam nas casas dos próprios educadores, ocorreu no período compreendido entre 1888 e 1895, nesta época os próprios pais remuneravam os professores como relata De Fáveri (2006, p. 159), pois os governos brasileiro e italiano ainda não subsidiavam o ensino dos imigrantes. Após surgiram as escolas isoladas, que no distrito funcionava uma para alunas e outra para alunos, separando por gênero a quantidade estudantes sul-cocalenses.

No ano de 1929, um grupo de cidadãos, sentindo necessidade de implantação de uma escola que oferecesse mais condições estruturais e físicas que promovesse um ensino mais eficiente na comunidade, formou uma comissão para estudar e levantar verbas para este fim. A comissão foi formada pelos senhores: Padre Francisco Chylinski, Zeferino Búrigo, José Peruchi, Luiz Búrigo e Antônio Nunes de Souza. Em seguida iniciou-se, o levantamento de verbas para a compra do terreno e o início da construção. Com a ajuda da comunidade e com recursos do Governo do Estado, após estudos, adquiriram o terreno medindo três mil metros quadrados para a construção da escola.

No dia 14 de março de 1932, contando com a presença de autoridades locais e membros da comunidade, o senhor Ângelo Peruchi, presidente da comissão e demais membros, fizeram o lançamento da pedra fundamental do Grupo Escolar Professor Padre Schüller.

Desta época são encontrados os seguintes documentos e iconografias: Ofícios, dentre eles um assinado pelos membros da Comissão e enviado ao Diretor de Obras Públicas de Florianópolis SC, com data de 18 de fevereiro de 1932, avisando que os alicerces já estavam

concluídos e comunicando o orçamento referente ao galpão, poço e fossa que foram autorizados e de acordo com as plantas. Indicaram, neste mesmo ofício, os valores das peças necessárias para se fazer as instalações sanitárias, obedecendo ao projeto aludido, entre vários outros.

Um deles é importante destacar – o que foi enviado à Comissão da construção da Escola Padre Schuller pelo secretário do estado dos Negócios da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura. Trata da contribuição de 10 contos de réis que foi repassada para a prefeitura de Urussanga atendendo ao pedido da comissão de construção da escola.

O ato inaugural aconteceu no dia 10 de outubro de 1933 com uma grande festa ocorrida na comunidade inclusive com a presença do Inspetor Escolar Humberto Hoffmann³. Os alunos das escolas isoladas foram apresentados à nova escola e ao grupo de professoras: Helena Alves Caminha, Jovan Moraes, Iná Souza, Eduarda Pereira e Elmira de Lima Ferreira (irmã Maria das Graças), todas vindas da capital e formadas para lecionar. Como diretora foi nomeada a professora Flóscula de Queiroz Santos.

Na fotografia que examinamos observamos estas professoras relatadas e um grupo de alunos, no dia da inauguração. Das professoras, a normalista Helena Alves Caminha, tem 93 anos, mora em Florianópolis, foi localizada pela pesquisadora e concedeu uma entrevista, através de sua filha, que colheu as informações e nos encaminhou por correio eletrônico. Apesar de ter uma memória lúcida, ela se cansa facilmente e sua saúde está muito debilitada.

A escolha do nome do novo grupo escolar foi efetuada pelo Cônego João Dominoni, que oportunamente relataremos a sua importância e seu desempenho na comunidade, em homenagem ao seu professor do colégio Catarinense em Florianópolis, professor Luiz Schüller.

O professor padre Schüller nasceu em 28 de novembro de 1855 na região da Baviera, na cidade de Zweibrücken na Alemanha. Fez seus primeiros estudos na sua cidade natal e teve seu currículo como um devoto homem da igreja. Estudou humanidades, retórica e filosofia enquanto estava exilado na Holanda. Em 1879 veio para o Brasil. No Rio grande do Sul começou a trabalhar na cidade de São Leopoldo como prefeito e professor de filosofia e matemática. Retornou em 1884 à Europa para estudar teologia na Inglaterra e em 1889 retornou ao Brasil.

³ Humberto Hoffmann: Inspetor de escolas do Estado de Santa Catarina.

Após esta data trabalhou nas cidades de São Leopoldo, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e Florianópolis. Sua principal obra no Brasil foi realizada na cidade de Florianópolis, quando fundou a escola Diocesana de São José, escola para crianças pobres, que foi reconhecida pelo governo catarinense como grupo escolar.

No dia 21 de junho de 1933, através do Decreto 379 o Coronel Aristiliano Ramos⁴, Interventor Federal do Estado de Santa Catarina denomina oficialmente o Grupo Escolar como Grupo Escolar Professor Padre Schüller, que funcionava com quatro classes. Em 1937 foi implantado o curso normal primário e em 1938 foi transformado em curso complementar.

A Igreja Controla as Pessoas

As irmãs da congregação de Santa Catarina chegam a Cocal do Sul em 1950, por iniciativa e pedidos do Cônego João Dominoni. Elas começaram trabalhar no Grupo Escolar, como professoras, diretora e atendente no Ambulatório do Distrito fazendo pequenos procedimentos ambulatoriais. As primeiras a chegar foram: Júlia, designada para ser professora e mais tarde diretora do Grupo Padre Schüller; Leonis para ser professora e Agatônia encarregada do ambulatório médico gratuito e de auxiliar do canto da igreja.

A participação da Igreja no colégio, iniciada com os Padres e continuada com o trabalho das irmãs recebe grande ajuda quando a comunidade exige a vinda de um grupo maior de freiras e a construção definitiva de uma sede para elas, conforme Fáveri (2006, p.145). Assim, várias moças da comunidade assumiram a vida religiosa: irmã Regina Galatto, irmã Terezinha Galatto, irmã Gaudete Savi e irmã Graciosa Ferro, puderam desenvolver os seus votos na comunidade.

⁴ Aristiliano Laureano Ramos: coronel instrutor federal – SC entre 19/04/33 a 29/04/35. Nascido em Lages 10/05/1888.



Ilustração 1. Professores do Colegio Pe. Schuller, 1953: João Dajori, Zilda Búrigo, Maria de Lourdes Mariotti, Anita Cechinel, Rosa Maria Búrigo, Lindemar Zanellato, Cecília Slovinski e as irmãs da Congregação de Santa Catarina: Leonie, Júlia e Cândida.

Fonte: Venícios Burigo

Dentre os trabalhos realizados pelas irmãs de Santa Catarina, um dos mais importantes era a preparação para a Primeira Eucaristia. Segundo relato de um entrevistado:

Nós éramos obrigados a ir à missa aos domingos. Primeiro por nossos pais, depois pelas freiras da escola. Quando saíamos de casa, em jejum, pois naquela época para receber a comunhão tinha que ser em jejum, já éramos orientados pelos pais quanto ao comportamento. Quando chegávamos na igreja éramos colocados num lugar reservado para as crianças, onde as freiras tomavam conta. Após a missa, os alunos maiores tinham que ficar para a aula da doutrina, que era uma preparação para a primeira comunhão. Muitos alunos e colegas meus desmaiavam de fome. Depois vinham as intermináveis confissões. Lembro que íamos embora bem próximo do meio dia. O domingo de manhã era considerado uma tortura para mim e para muitos⁵

Observamos neste depoimento que as freiras do grupo e o padre Cônego João Dominoni tinham muita influência com os alunos na escola, na praça e na igreja. Um dos primeiros padres da cidade foi o Cônego João Dominoni. Nasceu em Florianópolis, dia 5 de fevereiro de 1903, era filho de Clemente Dominoni, italiano e de Angélica Fanzier, francesa. Era conhecido por sua rigidez e era muito respeitado e temido pelos moradores e freqüentadores da sua paróquia. O padre foi bastante citado nas entrevistas. Alguns relatos

⁵ Ivan Renato Búrigo – ex-aluno – entrevistado em 20 de fevereiro de 2007.

valem, por exemplos:

O Padre João Dominoni – designado para Cocal em março de 1932, depois de um ano em Florianópolis como coadjutor, devido a sua intransigência com maçonaria local e nervosismo, foi afastado. Autoritário em demasia criou polêmica com a colônia polonesa que fez com que fossem se afastando, pois obrigava a esse entrosamento o que não foi por todos obedecido, devido as diferenças étnicas e etc. Zeloso e ótimo orador sacro, incentivador de vocações sacerdotais, era um sacerdote de grande cultura, porém na parte diplomática com seu rebanho era teimoso (intransigente, não aceitava contestação e pareceres), depois de resolução determinado pelo mesmo chegando no auge do nervosismo a agredir os fiéis e seus acólitos e fabriqueiros”⁶

As fotografias encontradas em acervo particular e nos arquivos da escola que registram as atividades da Primeira Comunhão, são sempre fotografias com um número expressivo de crianças sempre separadas por sexo. Este fato é vigente até aos meados de 1975 do Século XX, valendo notar que no início a pratica era aluno separados de alunas, nas classes escolares.

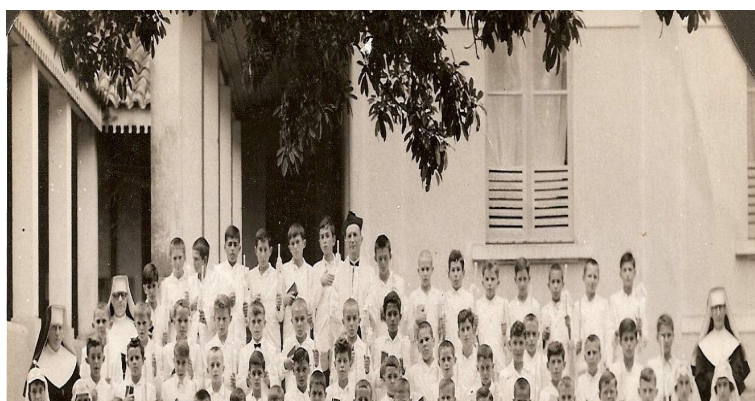


Ilustração 2. Primeira Comunhão. Turma masculina do Colégio Pe. Schuller.
Fonte: Venícios Burigo

O Civismo e o Patriotismo

O nacionalismo era uma característica marcante na época da fundação da instituição escolar pesquisada e a escola era um local onde as práticas nacionalistas eram perpetuadas e realizadas em várias oportunidades, praticas que perduraram durante os anos Vargas (pelo menos 15 da ditadura) e Golpe Militar de 1964 Semanalmente acontecia o hasteamento a bandeira com canto do Hino Nacional Brasileiro e o Hino a Bandeira. Além de leituras de textos referentes à pátria e poesias elaboradas pelos próprios alunos.

⁶ Venícios Búrigo - antigo morador de Cocal do Sul – entrevistado em 30 de março de 2007.

Esta prática está marcada na memória de professores e ex-alunos:

Não esqueço os momentos de civismo, as crianças recitavam poesias de cor, principalmente sobre a pátria, ainda hoje fico emocionada quando ouço o Hino Nacional, estávamos sempre acostumados a isso, e eu me emociono mesmo, aprendíamos sobre a importância de ser patriotas e amar a nossa pátria.⁷



Ilustração 3. Desfile Cívico. Colégio Pe. Schuller
Fonte: Venícios Burigo

O Nacionalismo e o amor à pátria, muito marcante para os entrevistados, segundo Abbagnano (2003, p. 694), só teve início a partir do conceito de povo que havia dominado a filosofia política do século XVIII, onde se “acentuou a importância de fatores naturais em detrimento dos voluntários”.

A Disciplina e os Castigos

A disciplina como ocorre nos ambientes escolares é um modo de vigilância e observação constantes. Não só pela distribuição das dependências físicas como também pela organização em classes e distribuição de espaços. É neste ambiente fechado e vigiado que se buscava garantir a obediência e a economia do tempo nas atividades. Neste período era ensinado ao docente, nos cursos de formação, que tivesse um olhar apurado e vigilante sobre os alunos.

⁷ Iracema Búrigo Thonon, ex-aluna e ex-professora – entrevistada em 15 de 1bril de 2007.

Segundo Larossa (2002, p. 80) aprender a olhar é:

Racionalizar e estabilizar tanto o olhar quanto o espaço. É acostumar o olho a deslocar-se e ordenadamente, a focalizar de forma conveniente, a capturar os detalhes significativos. É também converter o espaço, uma simples cintilação, em uma série de contornos, de formas reconhecíveis, de fundos e figuras, de continuidades e transformações. Um olhar educado é um olhar que sabe onde e deve olhar. E que sabe, em todo o momento, o que é que vê. Um olhar que já não deixa enganar nem seduzir. Aprender a olhar é, portanto, reduzir a indeterminação e a fluidez das formas; uma arte da espacialização ordenada, da constituição das singularidades especializadas, a criação de quadros.

Percebe-se que na maioria das escolas o espaço é adequado para a vigilância. A arquitetura é adequada para se ter uma visão geral dos espaços e evitar assim que a indisciplina ocorra. Da sala dos diretores ou dos inspetores era possível observar se um aluno fosse expulso de sala, se o professor ocupava bem seu tempo de aula e se tinha “controle” de sala de aula. Assim, docentes e discentes eram vigiados e controlados. Segundo Cipriani (2006, p. 160) gradativamente foi se instalando um sistema de poder sobre o corpo alheio, semelhante o que ocorre em fábricas onde o operador tem um controle contínuo do que ocorre nos processos de produção.

Assim se faz um “bom adestramento” onde se acaba criando comportamentos desejáveis e onde se “fabrica sujeitos”. Nas palavras de Foucault (1977), é o aparelho inteiro que produz poder:

E distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda a parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; a absolutamente discreto, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio (p. 158).

É em instituições como a escola que as pessoas podem ser analisadas, vigiadas, adestradas, corrigidas, punidas e classificadas. Assim, os indivíduos são vigiados e disciplinados para se ensinar, reprimir e controlar.

Quando perguntados sobre a disciplina eles afirmavam:

... era muito rígida, Os alunos eram tratados com respeito, porém eram muito exigidos. Os pais participavam ativamente e eram chamados constantemente no colégio quando alguém perturbava a ordem... Os alunos respeitavam os professores, pois estes exigiam muita atenção nas aulas e

eram severamente castigados quando havia algum desvio de conduta. Os castigos mais comuns eram passar algumas horas na sala da diretora ouvindo aquele sermão e até ficar de joelhos “cheirando parede”, ou ainda escrevendo várias vezes no caderno “deve prestar mais atenção às aulas”. Chegava a fazer calo no dedo de tanto escrever”⁸

...

A vara de marmelo, palmatória e outros castigos que por vez ou outra eram usados foram abolidos e substituídos pelo temido livro negro onde eram registrados os atos mais rebeldes”⁹.

Ensino, Aprendizado e Adestramento

Segundo Beltrão (2000), a escola realiza a distribuição ordenada dos indivíduos no espaço físico. E esta se dá com táticas combinadas:

A delimitação do espaço físico do enclausuramento pelo uso tanto de um muro, quanto de uma tela ou uma grade, geralmente altos, marcando e limitando o lugar específico da escola; ao mesmo tempo em que, numa espécie de geopolítica, distingue a escola de todos os outros espaços próximos [...] – o quadriculamento do espaço interno da escola: se o enclausuramento delimita o dentro e o fora da escola, o quadriculamento trabalha o dentro da escola, estabelecendo um lugar para cada indivíduo [...] – as localizações funcionais: visam ao alcance de um resultado-as aprendizagens - e, ao mesmo tempo, o controle das ações de todos os indivíduos que estão no espaço escolar (alunos e professores, especialistas e funcionários), constatando sua presença, sua aplicação, a qualidade do seu trabalho, comparando os indivíduos entre si, classificando-os segundo sua habilidade e seu conhecimento, sempre uns em relação aos outros (p. 40-41).

Neste sentido a escola passa a ser um espaço não apenas de ensino e aprendizagem, mas de adestramento, por meio das punições e recompensas.

“A disciplina era muito boa. A diretora D. Floscula muito enérgica e exigente. Qualquer deslize grave era punido severamente. Havia o livro negro e se as falhas fossem muito graves assinava-se o tal livro. Por esse motivo procurava-se ser o mais correto possível. Os professores muito respeitados bem como os alunos”¹⁰.

As falas revelam o poder disciplinar exercido na escola, bem como as considerações em sua negatividade ou positividade de acordo com a perspectiva e posição ocupada por cada entrevistado. Para os professores, quanto mais passivo e atento fosse o aluno, melhor. O saudosismo apresentado na fala a seguir comprova a necessidade de que tanto alunos

⁸ Aleir Correa Oliveira – Ex-aluno do Grupo Escolar Padre Schüller – entrevistado em 30 de março de 2007.

⁹ Venícios Búrigo - antigo morador de Cocal do Sul – entrevistado em 30 de março de 2007.

¹⁰ Iracema Búrigo Thonon, ex-aluna e ex-professora – entrevistada em 15 de abril de 2007.

como professores tinham da manutenção do controle disciplinar.

Os livros e demais instrumentos de ensino

Perguntamos aos nossos entrevistados: Como era feito o ensino? O que os professores utilizavam como material didático? Como os alunos eram avaliados? Algumas respostas foram bem parecidas. Apesar de entrevistarmos alunos e professores que estudaram e trabalharam em três décadas, os depoimentos variaram muito pouco:

Cada professor tinha o seu diário de classe que era visto todos os dias pela direção. A servente passava, levava o diário ate a diretora e o trazia de volta. Para cada matéria tínhamos um caderno e um livro. O livro não mudava. A gente podia pedir emprestado de um aluno do ano passado. O professor usava muito o quadro negro. Escrevia no quadro ou ditava e nos copiávamos no caderno. O nosso caderno era examinado pela professora e ela passava o visto. No fim da aula eram dados os deveres para se fazer em casa. Cada fim de mês havia uma prova, para avaliar o aluno. Era feita numa folha de caderno. A professora corrigia e a nota era transportada para o boletim mensal que a gente levava pro pai assinar. A prova final era feita num papel ofício que ficava depois arquivado na escola.¹¹

A respeito dos objetos, os livros e os cartazes utilizados na escola assim se pronunciaram:

‘O professor era o transmissor do conhecimento e o aluno o receptor passivo. Não havia trabalhos de pesquisa ou em grupo. Dispúnhamos de uma pequena biblioteca com livros de literatura e, nas salas de aula havia cartazes impressos coloridos (e lindos) de mamíferos, aves, répteis, peixes, vertebrados e invertebrados. Havia também vidros com formol (?) onde eram conservadas varias espécies de cobras, aranhas e outros animais pequenos, da região. Havia também cartazes ilustrativos sobre assuntos de Geografia e História como: o mapa do Brasil, o mapa mundi, o relevo e fatos históricos brasileiros. Na maioria das vezes o professor ditava os “pontos” ou os escrevia no quadro e nós os copiávamos em cadernos. Estudei em livros apenas Ciências Naturais e Religião, num catecismo enorme com perguntas e respostas intermináveis. As questões das provas exigiam respostas em nível de conhecimento do conteúdo quando então os alunos se limitavam a decorá-los. Alguns professores tomavam o ponto na aula seguinte àquela na qual ministravam os conteúdos. Além das notas das disciplinas era conferida uma nota de “comportamento” onde nossas atitudes eram avaliadas.¹²

¹¹ Angelo Galato – Ex-aluno do Grupo Escolar Padre Schuller – entrevistado em 10 de maio de 2007.

¹² Neusa Maria Búrigo, ex-aluna e ex-professora do Grupo Escolar Padre Schuller – entrevistada em 20 de maio de 2007.

Vale a pena citar a atitude pioneira de uma das professoras da década de 40/50 que, ao analisar as dificuldades de aquisição de livros textos, ela mesma escreveu e organizou aquele que pode ser o primeiro livro escrito em Cocal do Sul, uma Selecta, trazendo noções de Geographia, Grammatica, Hygiene, Historia do Brasil e de Santa Catharina, da autoria da Profesora Francisca de Oliveira Búrigo.



Ilustração 4. Noções. Livro de autoria da Profa. Francisca de O. Burigo
Fonte: Venícios Burigo

Conclusões

A pesquisa em questão inicialmente direcionou-se para o resgate histórico do Grupo Escolar Padre Schüller e suas contribuições sócio-educacionais para a comunidade de Cocal do Sul. No decorrer de nosso trabalho, vimos a necessidade de pesquisar também os espaços educacionais e as relações existentes neste espaço. Verificamos que em determinada época, as relações disciplinares e pedagógicas se estendiam além dos muros da escola, na igreja, na praça e demais espaços da localidade. A Educação, enquanto fenômeno maior de uma sociedade, exercida nos moldes durkheimiano, sem dúvida era a ação das gerações maduras sobre as gerações em formação, exercendo sobre ela o controle que poderia ser parte das funções da Religião e dos atributos da religiosidade. A formação do caráter, do perfil social ia além dos muros da escola.

Muitos dos entrevistados admitem que o estado policialesco da escola de antanho, hoje, seria algo em demasia, mas afirma, sem saudosismo que tanto a escola quanto a Igreja, a aliança que perdurou por muito tempo, já não causam as mesmas impressões no mundo de hoje. Os valores mudaram assustadoramente e de certo modo, os grilhões que

aprisonavam o animal, já não domina a essência humana. De tudo isso, porém, ficaram as marcas na sociedade cocalense...

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

DE FAVERI, H.E.; SOUZA, J.C. de P. **Cocal do Sul: Um Mergulho em sua História**. Cocal do Sul – SC, Editora Grafiper, 2006.

BELTRÃO, I.R. **Corpos Dóceis, Mentas Vazias, Corações Vazios**. São Paulo: Imaginário, 2000.

CIPRIANI, J.R. **Escola Normal Pedro II (1940-1950): Um Estudo sobre a Formação de Sujeitos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau.

FÁVERO, M. de L. de A. Pesquisa, Memória e Documentação: Desafios de Novas tecnologias. In: LEAL, M.C.; PIMENTEL, M.A.L. **História e memória da escola nova**. São Paulo: Loyola, 2003,

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História das Violências nas Prisões**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.